

## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

*Who finds whom? Meanings of gender, class, race and youth at LGBTQ+ university parties*

João Otávio Galbieri<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente relato de pesquisa tem o intuito de apresentar como os sentidos relacionados às categorias da diferença de gênero, raça, classe e juventude permeiam a sociabilidade em festas universitárias LGBTQ+. Dessa forma, a partir da perspectiva teórica de autores e autoras que dialogam e se relacionam entre debates pós-estruturalistas, *queer* e interseccionais, busco questionar e desnaturalizar definições de pertencas e exclusões apresentadas pelos dados empíricos. Em suma, diferenças percebidas como essencializantes são, na verdade, socialmente construídas. É através dos desenvolvimentos de uma incursão etnográfica a campo, acompanhamento dos eventos online e entrevistas com alguns interlocutores que busco acessar essas tensões.

**Palavras-chave:** Festas LGBTQ+; heteronormatividade; mercado; gênero; classificação

**Abstract:** The present research report aims to present how the meanings related to the categories of difference of gender, race, class and youth permeate sociability at LGBTQ + university parties. Thus, from the theoretical perspective of authors who dialogue and relate between post-structuralist, queer and intersectionality debates, I seek to question and denaturalize definitions of belongings and exclusions presented by the empirical data. In short, differences perceived as essentializing are, in fact, socially constructed. It is through the development of an ethnographic foray into the field, monitoring of online events and interviews with some interlocutors, that I seek to access these tensions.

**Keywords:** LGBTQ + parties; heteronormativity; market; gender; classification.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). São Carlos, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4551-836X>. E-mail: [joaogalbieri@estudante.ufscar.br](mailto:joaogalbieri@estudante.ufscar.br).



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

### 1. Introdução

O presente relato é fruto da pesquisa de Iniciação Científica realizada entre 2019 e 2020<sup>2</sup>. Através dos desenvolvimentos de uma incursão etnográfica a campo, acompanhamento dos eventos online e entrevistas com alguns interlocutores, tem o intuito de apresentar como os sentidos relacionados a gênero, raça, classe e juventude permeiam a sociabilidade em festas universitárias LGBTQ+<sup>3</sup>.

A Festas IeS, produtora dos eventos pesquisados, composta por estudantes do curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), segue um modelo de realização associado à cena universitária são-carlense, baseado no aluguel de repúblicas (habitação compartilhada por estudantes universitários) ou de casas noturnas. Quando as festas ocorrem em repúblicas, bairros como Cidade Jardim, Jardim Luftalla, Vila Costa do Sol, ou seja, próximos das universidades, costumam ser os principais a sediar os eventos, pela concentração de estudantes universitários morando nestes bairros. Desde o começo do projeto se teve em vista a centralidade das relações sociais travadas nos espaços físicos dos eventos e seu acompanhamento através da observação participante, processo metodológico que privilegia um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo entre pesquisador e grupo pesquisado (MAY, 2001). Contudo, a atenção aos eventos online, demonstrou ser essencial para acessar um conjunto de informações relativas à venda de ingressos, mas também aos debates que se seguiram posteriormente às festas.

---

<sup>2</sup> Agradeço ao CNPq pelo financiamento à pesquisa, sem o qual as discussões aqui empreendidas não seriam possíveis. Também agradeço ao Prof. Dr. Jorge Leite Jr pela orientação durante todo processo de pesquisa e a todos os pesquisadores do Grupo de Pesquisa SexEnt (Sexualidade e Entretenimento) pelos preciosos diálogos.

<sup>3</sup> A sigla representa “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Queer”. O uso do acrônimo varia e pode aparecer também como LGBTQIA+, incluindo assim também Intersexuais, Assexuais e outros grupos tidos como minoritários. Neste texto, farei uso de LGBTQ+, por ter sido o uso mais encontrado em campo durante a pesquisa.



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

### Imagem 1: Descrição do evento no Facebook



★ Gigabyte Hits ★ Vol. 02

Como assim a gente já tá quase trocando de década? Quer dizer que não foi ontem que a gente tava vestindo calça de cintura baixa e mandando sms no nosso V3 cheio de strass? Não foi ontem que as mais tocadas na MTV e no nosso walkman eram Lady Gaga - Just Dance.mp3 e Katy Perry - I Kissed a Girl.mp3?

O fervinho mais nostálgico e hit da leS está de volta, e nesse Vol. 02 a gente te leva no nosso ogromóvel pra mais um open irado, com altas rodadas de "suco" (de cevada ou corotinho?), passando pela jornada sonora que foram os anos 2000. Prepara pra borrar o lápis de olho preto chorando ao som de Evanescense, Simple Plan e tudo que te fez um EmuxinhoOoO na adolescência; solta seu lado promiscuous girl e faz a sensuelen dançando Pussycat Dolls, Lady Gaga e Britney Spears; rebola esse popô no ritmo do créu ao som do inesquecível Furacão 2000, e por fim, prepara pra pular muito com os hinos mais icônicos do Summer Eletrohits!

🍷 SUQUINHOS!

- ★ Cerveja Império
- ★ Corote Sabores
- ★ Vodka
- ★ Energético
- ★ Refrigerante
- ★ Água

🎧 NO NOSSO MP3!

- O melhor do POP, EMO, Furacão 2000, Summer Eletrohits e R&B com:
- ★ pétala
  - ★ rollercoaster
  - ★ Black Phillip

💰 NOTINHAS DE 1 REAL!

- ★ Primeiro Lote: R\$25 [ESGOTADO]
- ★ Segundo Lote: R\$30 [ESGOTADO]

(Estudantes UFSCar e CAASO com bolsa moradia têm direito a R\$5 de desconto na compra antecipada.)

🗨️

- ★ FESTA LGBTQIA+! Nenhum tipo de opressão, preconceito, LGBTfobia, assédio ou desrespeito será tolerado; sujeito a expulsão permanente das Festas leS.
- ★ TRAGA A SUA CANECA! ♻️ Ajude a preservar o meio ambiente.
- ★ Proibida a entrada de menores de 18 anos.
- ★ O lucro da festa será destinado às produções do curso de Imagem e Som da UFSCar.

🗨️ PRODUÇÃO 🗨️

Fonte: Captura de tela obtida pelo pesquisador.

Marcadas pela apresentação de informações em estilo direto e descontraído (Imagem 1), além destas, na descrição da página no Facebook consta que as festas são



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

um ambiente *LGBTQ+ friendly*<sup>4</sup>. O evento em questão é *open bar*<sup>5</sup>, o que significa que o consumo das bebidas servidas no evento, como cerveja, corote de sabores<sup>6</sup>, vodka, energético, refrigerante e água, estão incluídas sob o valor pago no ingresso. Quando acontecem em repúblicas, podem comportar de duzentas a quatrocentas pessoas, o que pode variar de acordo com a disponibilidade do lugar. Os ingressos giram em torno do valor de vinte e cinco reais no primeiro lote e aumentam cinco reais a cada lote. Quando acontecem em casas noturnas da cidade, por outro lado, comportam e são pensados para um público maior. Suas estratégias de divulgação, que podem começar um ou até dois meses antes do evento, demonstram isso. Geralmente custam trinta e cinco ou quarenta reais no primeiro lote e aumentam cinco reais a cada lote.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa também foram de grande relevância aos propósitos do projeto, pois a estruturação do roteiro foi feita com o intuito de realizar um mapeamento dos interlocutores, traçando assim um perfil e identificá-los a partir de suas autodefinições no que se refere às categorias de sexo, gênero, orientação sexual, cor/ “raça”. A identificação de classe é pensada a partir do ensino público ou privado e do recebimento de algum auxílio de permanência estudantil por parte das instituições universitárias.

O fato de as entrevistas serem realizadas através de plataformas online marcaram a inventividade imposta pelo contexto de quarentena durante o período de pandemia de COVID-19. Todas elas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos participantes. Ir às festas e produzir os diários de campo proporcionou um rico conjunto de dados com relação a descrição dos espaços, dinâmicas de sociabilidade e classificações agenciadas pelos interlocutores e, por isso, também influenciaram a formulação das questões sobre as dinâmicas estabelecidas no espaço.

---

<sup>4</sup> Em tradução literal “amigável a LGBTQ+” parece ser uma reformulação do antigo GLS, disseminado na década de 1990 para definir espaços de consumo para homossexuais. Para uma discussão sobre espaços GLS ver: FRANÇA, 2012.

<sup>5</sup> Termo êmico. Demais termos êmicos serão grafados em itálico para facilitar a leitura.

<sup>6</sup> Coquetel vendido em uma garrafa de plástico com 500 ml e elaborado com 13,5% de vodka tridestilada. É vendido em diversos sabores, entre eles maracujá, limão, morango, blueberry etc.



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

Os eventos são divulgados no Facebook e, acima, é possível ler a descrição da festa *GigaByte Hits*. O *fervinho*, havia ocorrido em 2018, também no formato *open bar de república*. As vendas dos ingressos começaram duas semanas antes do evento. Pude acompanhá-lo no dia 1 de junho de 2019. A seguir narro, a partir de dados dos diários de campo, alguns elementos e circunstâncias que ocorreram, bem como uma descrição dos espaços.

### 2. “Os héteros descobriram o rolê”

São quatro horas da tarde quando estou pronto e saio de casa para o *rolê*. Chegando em frente à república, pequenos grupos de três ou quatro pessoas se encontram formados na calçada. Alguns vão à conveniência do posto, que fica ao lado da casa, para comprar cigarros ou outros itens antes de entrar no evento. Pergunto aos que estão na frente do portão se estão na fila de entrada, e logo respondem que não. Passo, então, pelos dois seguranças, um homem de cabelos raspados e uma mulher loira, ambos vestindo um uniforme preto e aparentando ter uns trinta e cinco anos. Digo “boa tarde” e sigo para dentro da garagem até a fila do caixa. Quatro pessoas estão na minha frente da fila. Dentro da garagem está um pouco mais escuro, devido ao tecido de TNT preto que, improvisadamente, tampa os espaços vazados do portão. O caixa é composto por quatro mesas de plástico, com quatro alunos da Imagem e Som atrás de cada uma e de costas para o portão, conferindo os nomes na lista impressa em algumas folhas de sulfite.

Enquanto estou na fila, vejo que na minha frente há um rapaz que vi na fila da *Cervejada da IeS*, evento que ocorre no começo do primeiro semestre letivo de cada ano. Seu cabelo está cortado baixo, um bigode volumoso no buço e veste a mesma saia amarela da época estampando o escrito *CAASO* na altura do traseiro. Saias, assim como sambas-canções que estampam os nomes das Atléticas Acadêmicas de cada universidade, são comuns em festas e até no cotidiano de aulas. Tensões que se referem



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

a noções de masculinidade/feminilidade são apresentadas nas opções de modelos disponibilizados pelas Atléticas<sup>7</sup>.

Quando me dou conta, já é minha vez de entregar o RG ao caixa para que confira meu nome. Digo boa tarde ao Bruno<sup>8</sup>, aluno da Imagem e Som que me atende, e devolve meu documento, enquanto recebo um carimbo preto com as iniciais do curso no pulso: “IeS”.

São dois ambientes na festa. Um no final deste primeiro corredor, em que há um andar elevado e aberto, com um banheiro fechado e unissex à esquerda, um espaço para passagem no meio e o bar de bebidas com corotes de sabores e refrigerantes. O bar é composto por dois freezers dispostos na horizontal e por duas pessoas por detrás servindo. Seguindo pelo segundo corredor, virando à esquerda, fica a área principal do quintal, um lugar espaçoso que serve como pista de dança. Não está tão lotada por enquanto. Fico próximo à porta que serve de entrada para o interior da casa.

Pedro, estudante de Engenharia da USP, passa por mim tirando algumas fotos com sua câmera, que serão publicadas depois nos eventos online. Conversamos um pouco, até que permanecemos um tempo encarando os grupos dispersos de pessoas que já entraram na festa. Após analisarmos, ele diz: – *Os héteros descobriram a IeS*. Assenti com um sorriso no rosto. Conversamos mais um pouco e ele me fala:

- Tinha gente querendo comprar por 100 reais os ingressos.
- Sério? Oloco, esse povo tá doido. - digo, rindo.
- Sério. - ele responde.
- Onde isso? Aí na porta? - pergunto.
- No evento mesmo, tavam postando lá. - diz ele se referindo ao evento no Facebook.
- E eles venderam? - pergunto, referindo-me às pessoas da organização.
- Não.
- Mas vai lotar aqui? Porque eu vi que teve só dois lotes.
- Nossa, vai. Tem muito mais gente pra entrar.

---

<sup>7</sup> As Atléticas Acadêmicas são grupos organizados de estudantes que promovem eventos esportivos. Para uma discussão mais aprofundada sobre a relação rivalidade e construção de masculinidades entre as Atléticas Acadêmicas, ver: FLOETER, 2012.

<sup>8</sup> Todos os nomes aqui utilizados são fictícios.



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

E ele segue tirando mais fotos.

Como elementos da descrição permitem inferir, a cidade de São Carlos<sup>9</sup>, sede de duas importantes universidades públicas do Brasil, Universidade de São Paulo (USP<sup>10</sup>) e UFSCar<sup>11</sup>, além do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), ofereceu um contexto propício para o desenvolvimento de um mercado de consumo voltado para o público universitário. Instituídos os *campis*, chegaram os alunos que, muitas vezes saindo pela primeira vez da casa dos pais, deslocando-se de algum outro ponto do país, acrescentaram à cidade a característica de um pulsante mercado de festas universitárias<sup>12</sup>.

Em 2012, que pode ser considerado o ano de início de suas atividades explicitamente voltadas ao público LGBTQ+, era composta mais estritamente pelos alunos do curso de Imagem e Som da UFSCar. Atualmente, com o aumento na dimensão de sua atuação, envolve alguns alunos de outros cursos na equipe de trabalho, como Pedro. Abaixo, é possível ler a descrição da equipe organizadora em rede social *online*.

Por vezes, o esgotamento dos ingressos acrescido da realização de poucas festas em um mesmo final de semana faz a procura aumentar momentos antes do evento, como

---

<sup>9</sup> Além das universidades, a presença da Embrapa (Empresa brasileira de pesquisa agropecuária) e da Fundação ParqTec (1984) ajudam a auferir a cidade o status de polo de tecnologia. Com uma população de 238.950 habitantes (IBGE, 2014) e uma população flutuante de 20.000 habitantes, em muito devido aos habitantes sazonais ligados aos centros de pesquisas e universidades. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/conheca-sao-carlos/115268-a-cidade-de-sao-carlos.html>; <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/conheca-sao-carlos/115442-dados-da-cidade-geografico-e-demografico.html>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

<sup>10</sup> O campus da USP São Carlos foi implantado em 1948, mas as atividades apenas começaram em 1953. Em 1956 a sede foi transferida para onde se localiza atualmente. Conhecida pela excelência nos cursos de exatas, apenas em 2010 inaugurou o Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/historia-e-numeros/>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

<sup>11</sup> O campus da UFSCar São Carlos iniciou suas atividades no dia 13 de maio de 1970 e hoje possui aproximadamente 10.000 alunos distribuídos entre os Centro de Ciências Exatas e Tecnologias (CCET), Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) e Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). Disponível em: <https://www2.ufscar.br/a-ufscar/campus-sao-carlos>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

<sup>12</sup> Entre elas, vale destacar o evento Taça Universitária de São Carlos (TUSCA), que é um torneio universitário, mas ficou conhecido por suas festas, que atraem jovens do interior paulista e do Brasil todo. Chegaram a movimentar a cifra de 20 milhões de reais com a realização da 40ª Edição do evento. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/11/11/com-jogos-e-shows-40o-tusca-deve-atrair-30-mil-pessoas-por-dia-e-movimentar-r-20-milhoes.ghtml>. Acesso em 09 de outubro de 2020.



### Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

pôde ser notado pela procura de pessoas se dispondo a pagar um valor exorbitante momentos antes da festa. Mesmo não tendo sido vendidos oficialmente pela organização, demarcam sentidos relacionados à classe de quem realizava a procura.

### 3. O mercado e a *heteronormatividade*

LGBTQ+, a categoria classificatória agenciada de forma politicamente orientada para identificar os espaços das festas, possui caráter ambíguo e está em constante tensão. Pode ser utilizada tanto para definir um movimento social, de conotação mais política, quanto espaços que proporcionem práticas de lazer voltadas ao público que assim se define, na posição de consumidor em um contexto de mercado segmentado. Em ambos os casos, os agentes e os espaços por ela caracterizados, são assim definidos por uma identidade de gênero e/ou orientação sexual. Por isto, evidenciam-se significados que remetem a noções que dizem respeito às categorias de sexo e gênero.

Constatou-se nas pesquisas bibliográficas diversas produções clássicas que lidaram com a construção social da sexualidade, do gênero, do corpo, sob os quais recaem tecnologias e políticas de normalização e a relação destes com a identidade (BUTLER, 1990; FOUCAULT, 1999; RUBIN, 1993, 2003; PRECIADO, 2018). Foucault (1999) descreveu um processo que seguiu uma linha contrária à hipótese da construção repressiva da sexualidade. O autor aponta para um processo de compreensão do sexo como constitutivo de relações de poder, de “técnicas polimorfos de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 17). Sendo assim, não se trata de discutir a repressão do sexo, mas da produção e positivação de determinados modelos em detrimento da negação de outros.

Neste sentido, quebra com a hipótese repressiva da construção discursiva do sexo por demonstrar como, a partir do século XVII, a despeito da ideia de repressão do sexo, na verdade, o que se percebeu foi a proliferação de discursos socialmente aceitos específicos sobre o assunto (FOUCAULT, 2018, p. 37). Produz-se, então, uma verdade sobre a sexualidade conjuntamente com a necessidade desta se reproduzir



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

discursivamente no plano individual e social de acordo com uma forma hegemonicamente legítima de compreensão.

Mesmo lidando com o tema da sexualidade, o autor ainda não se apropria do conceito de gênero. Este, surgiu no contexto das teorias sociais da “diferença sexual” (PISCITELLI, 2002), sendo cunhado pelo pedopsiquiatra norte-americano John Money, em 1957, para denominar a pertença cultural de um indivíduo ao reconhecido como “feminino” ou “masculino”, diferenciando-o assim de “sexo” (PRECIADO, 2018). Mesmo com as problemáticas de origem, o termo adquiriu força como conceito analítico dentro da perspectiva feminista, através, por exemplo, do sistema sexo/gênero (RUBIN, 1993).

Contudo, uma crítica realizada a esta perspectiva é a de que reside nesta formulação um substrato biológico sustentando sua construção (PISCITELLI, 2002). Dessa forma, McClintock (2010), representante do que se convencionou denominar terceira onda do feminismo ou feminismo interseccional, parte do ponto que o regime de poder sobre gênero tem grande relevância na relação específica das nações colonizadas com o império. Articula, assim, parte relevante de sua análise ao que considera a relação entre essas distintas categorias, gênero, raça e classe, que, no entanto, apenas fazem sentido em sua relação (MCCLINTOCK, 2010).

Também é possível destacar a forma pela qual uma população antes estigmatizada, que vivenciava uma sexualidade dissidente, começa a ser incluída em discursos relacionados ao mercado e, então, desenvolver a partir dos anos 1990 o que se denominou “mercado gay” (PARKER, 2002). Este, que não era voltado apenas para os homens homossexuais, mas tinha estes como parte majoritária do público, fez valer a ligação, em meados da mesma década, de bares homossexuais ao termo GLS, sendo “S” de simpatizantes. Isto, segundo França (2007), caracterizou a produção de espaços ambíguos. Com a mudança na classificação dos espaços, constatou-se o aumento do mercado consumidor destes espaços por um público mais “moderno”, atento às novidades em termos de estilo. Este grupo, definido, assim, por um termo ambíguo, que não os caracteriza por efetivar cotidianamente práticas homossexuais ou sequer



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

realizá-las, torna-se habilitado a frequentar e consumir estes e nestes lugares (FRANÇA, 2012).

Durante o processo de pesquisa, uma questão genérica foi ganhando recortes mais voltados aos estudos de gênero e sexualidade, através da análise e discussão da *heteronormatividade*. Este regime de poder caracteriza-se pelo incentivo social de práticas heterossexuais, sejam reprodutivas ou não-reprodutivas. Sendo assim, esta pesquisa objetivou compreender fenômenos relativos a um grupo que foi posto historicamente em segundo plano num regime de visibilidade sexual (MISKOLCI, 2015). Por isto, tornou-se imperativo questionar o regime heteronormativo<sup>13</sup> naturalizado no discurso social que veio a se enraizar, inclusive, na teoria social. Nisto reside a relevância dos *estudos queer*<sup>14</sup> e seus focos analíticos para os propósitos da pesquisa. O regime heteronormativo é caracterizado por reproduzir socialmente padrões de comportamentos, em que há o incentivo e aprovação de relações heterossexuais com possibilidade de reprodução (biológica, econômica etc.) e a estigmatização de formas não-heterossexuais de expressão.

#### **4. Primeiros contatos**

Comecei a frequentar as Festas IeS em 2017, pouco tempo depois de ter chegado à cidade de São Carlos para estudar Ciências Sociais na UFSCar. Fui a dois dos eventos na semana da calourada, um deles teve como tema a série *Orange is The New Black*<sup>15</sup>. Lembro de ter sido uma noite de terça-feira e ter encontrado dois dos alunos com os quais havia conversado em 2016, além de conhecer alguns outros. Também me chamou a atenção que a república em que a festa aconteceu tinha panos de TNT cobrindo as

---

<sup>13</sup> Heteronormatividade é um termo cunhado por Michael Warner (1999).

<sup>14</sup> “O foco queer na heteronormatividade não equivale a uma defesa de sujeitos não heterossexuais, pois ele é, antes de mais nada, definidor do empreendimento desconstrutivista dessa corrente teórica com relação à ordem social e os pressupostos que embasam toda uma visão de mundo, práticas e até mesmo uma epistemologia” (MISKOLCI, 2009, p. 157). Para mais informações, ver: MISKOLCI, 2009.

<sup>15</sup> Série televisiva que estreou em 2013 e foi produzida pela Netflix. A narrativa gira em torno da experiência de uma mulher branca, cumprindo pena de catorze meses no sistema prisional norte-americano, por um crime cometido tempos antes da prisão.



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

paredes do interior da sala, que servia como pista de dança naquele dia. Conforme a festa foi chegando ao fim, o tecido se desprendeu das pontas da parede e capas de revistas da *Playboy*<sup>16</sup> ficaram expostas.

Desde os primeiros contatos foi perceptível a ressignificação dos espaços da casa: a sala se tornou pista de dança; na cozinha dois freezers estabeleciam os limites do bar e continham as bebidas servidas no evento, os quartos fechados, pessoas pela garagem fumando e conversando. O aluguel das repúblicas tem um caráter prático: os moradores da casa não pagam para entrar, ela geralmente é arrumada depois por quem alugou e o valor cobrado tende a ser baixo em relação aos lucros, se comparado ao aluguel de casas noturnas da cidade. O caso evocado pelas revistas na parede é revelador das porosidades e possibilidades de interação entre pessoas de sexualidades e gêneros distintos, constitutivas das próprias características da ocupação do lugar. Neste sentido, quando as festas acontecem nestes espaços, evocam uma experiência similar a cena de festas independentes, opostas pelo antropólogo Gibran Teixeira Braga (2018) à cena de festas de rua, em São Paulo, que

(...) é composta por eventos fechados, realizados em espaços alternativos aos clubes convencionais, como bares, clubes de sexo, inferninhos, saunas, galpões e fábricas desativadas. A opção por tais espaços está relacionada às práticas realizadas nas festas, tais como nudez e seminudez, tolerância ao uso de drogas ilícitas, uso mais livre dos espaços por parte dos participantes, bem como a longa duração dos eventos; estes fatores inviabilizam que clubes regulares abriguem as festas (BRAGA, 2018, p. 14).

Flor, que se define como uma mulher cisgênero bissexual, também havia chegado à cidade em 2017 para estudar na UFSCar. Foi com dois outros amigos no evento e relembrou o seguinte em entrevista.

É, e a gente foi numa festa da imagem e som, numa república lá onde Judas perdeu as botas, que a gente teve que tipo cortar a USP pra ir lá. Era tipo numa casa super pequenininha, perto de onde a gente vai agora, né. E, nessa festa, foi uma experiência super incrível assim de momento catártico, de pensar: 'Nossa,

---

<sup>16</sup> Revista de nudez feminina voltada ao público masculino que surgiu nos Estados Unidos e teve sua versão brasileira publicada pela Editora Abril.



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

estou aqui. Estou na faculdade. Sou jovem. Tenho liberdade, tudo mais, porque antes era tudo uma coisa limitada em Santos com os meus pais. Ainda com aquela mentalidade de ensino médio etc. E aí eu fiquei doidíssima na festa, doida. Foi tipo, pior PT da minha vida e foi tipo meu primeiro dia de faculdade (25 abril de 2020).

Através deste relato é possível compreender a relação das *festas leS* com as universidades. Estas aparecem no discurso de Flor tanto como referência geográfica, a USP, seus arredores, e as repúblicas estudantis que por ali se desenvolveram, transformando a paisagem e a ocupação de uma parte da cidade. Mas também como marca de uma mudança em sua vida: o acesso ao ensino superior, deslocamento da cidade natal e o conseqüente projeto de autonomização frente aos controles familiares.

A valorização desta etapa da vida caracterizada pelo dinamismo, criatividade e rebeldia é vista como um fenômeno recente, peculiar ao pós-guerra (DEBERT, 2010). Inclusive, com a transformação desta etapa como um valor que pode ser alcançado em qualquer outra com a adoção de formas de consumo específicas (DEBERT, 2010). Neste sentido, reside uma semelhança entre juventude, gênero e sexualidade como categorias que, vistas sob um viés mercadológico, tornam-se passíveis de serem adquiridas através do consumo de determinados produtos.

Ainda é possível apontar como diferentes percepções da cidade podem se formar a partir destas sensações e percepções situacionais. Como demonstra o sociólogo Keith Diego Kurashige (2018), ao empreender uma reconstrução dos desejos homossexuais na história de São Carlos, aponta a convivência entre percepções contraditórias da cidade, como “conservadora”, “sem nada pra fazer” e, até “libertadora”.

### 5. *É tudo gay?*

O celular marcava 16h29. Continuo encostado na parede, no mesmo lugar que estava antes de pegar cerveja, observando o local e as pessoas. Olho para o lado e vejo Francine saindo de dentro da casa, uma amiga da minha cidade natal que veio estudar Letras na UFSCar. Ela havia me avisado no dia anterior que conseguiria vir a festa de



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

graça, já que é amiga dos moradores da república. Quando os moradores alugam a república para uma festa, eles não pagam pela festa e, neste dia, as hóspedes também não pagaram. De dentro da casa, ainda sai Marina, que mora com ela. Nos abraçamos. Olhando pra minha roupa, Marina diz: “– Tá fita, hein.”

Diferente de mim, elas duas estão de shorts e coletes que estampam o nome da república onde moram, Francine jeans e Marina uma samba-canção vermelha com o símbolo da Química. Raquel e Isabela, que também moram junto com elas, saem de dentro da casa um pouco depois. Também vestem coletes, só que são azuis e ostentam o nome da república em que está ocorrendo a festa hoje. Logo depois saem os meninos que moram na república de fato. São seis meninos e a namorada de um deles. Estão vestindo uma camiseta azul da república, com a mesma estampa do colete da Marina. Um deles, Rogério, avisa as meninas que no corredor do outro lado há uma mesa com doces de dadinhos e vamos todos pegar.

Chegando lá, todos, menos Francine, enchem as mãos de doces e guardam nos bolsos. Isabela, então diz, em tom de reprovação: “– Tinha que ser os héteros do rolê.” Voltamos para onde estávamos. Quando passamos próximos das escadas que levam para a parte superior, Francine me pergunta: “– Têm muito cara bonito aqui. É tudo gay?”

Respondo que provavelmente não, já que, ao que tudo indica, os *heteros descobriram o rolê*. Isabela repara no corredor que está sendo utilizado como banheiro unissex aberto. O desenho de duas figuras representando duas pessoas de gêneros distintos apertadas para fazer xixi numa folha sulfite marca o lugar. Então diz: “– Agora entendi, eles não dividem por gênero masculino e feminino”.

Este aspecto das festas parece remontar a elementos surgidos na cena de *underground* de São Paulo. Mais especificamente traçados a partir do clube Sra. Kravitz, então sob o comando de Renato Lopes e Mau Mau. Clube no qual, além de se difundir o uso do ecstasy, o *techno* no som e apresentação de Selma Self-Service, tida como a primeira DJ *Drag Queen* do Brasil,

(...) também os banheiros ganharam o status que têm hoje em qualquer espaço que se pretenda *underground* na cidade: são muitas vezes utilizados como mais



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

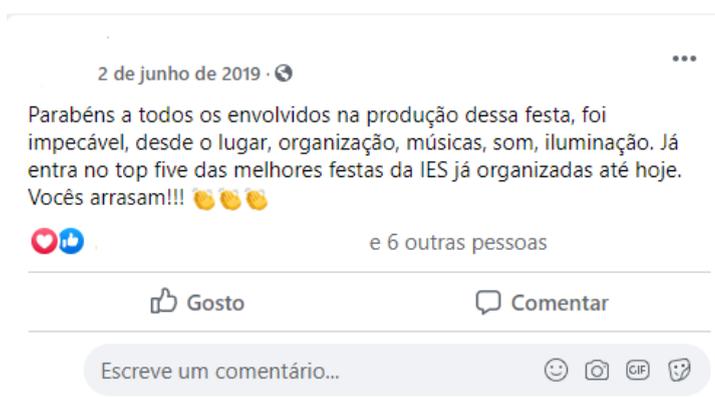
uma área de convivência da festa a separação entre feminino e masculino deixa de importar e os reservados são usados livremente para consumo de substâncias ilícitas e sexo (BRAGA, 2018, p. 92).

Algum tempo depois, os meninos da república voltam com copos de cerveja e entregam um para Rogério. Com o copo na mão, estufa mais o peito e enrijece a postura. Marina traz à tona sua “*posição de hétero*”, correspondente ao peito estufado ao receber o copo de cerveja em mãos, segundo o próprio Rogério. Vejo o horário e são 17h06. Não demora e começam a propor um desafio: passam um chapéu de plástico com chifres de boi e cada um de nós do círculo coloca um pouco da bebida que tem no copo. Colocam cerveja, Marina coloca um pouco do corote que estava em seu copo e quando o capacete passa por mim, coloco um pouco da minha cerveja também. Os meninos bebem a mistura que se formou no capacete, que aos poucos vazam do chapéu por furos não vistos antes.

Após a primeira rodada de bebidas, Rogério pega um chinelo branco, um pouco encardido do uso. Derrama a bebida pela parte superior do chinelo, que escorre por toda a superfície até cair no capacete. Um dos meninos da roda, vestido com uma roupa natalina e um chapéu de Papai Noel bebe. Francine me diz que toda essa movimentação dos seus amigos *héteros vai ser perfeita para a minha pesquisa*.

No dia seguinte, foi possível notar um burburinho no evento no Facebook relacionado a algumas pessoas que jogaram bebidas para o alto em determinados momentos da festa. Abaixo reproduzo a imagem de três postagens.

**Imagem 2:** Postagem no evento do Facebook.



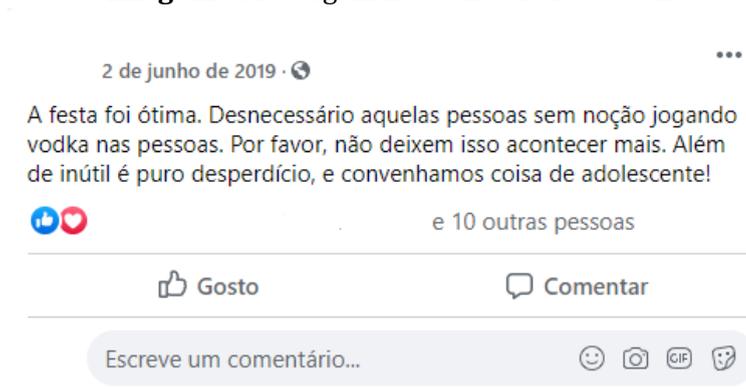
Áskesis, v. 10, nº. 2, p. 71-91, Jul-Dez, 2021  
ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.656



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

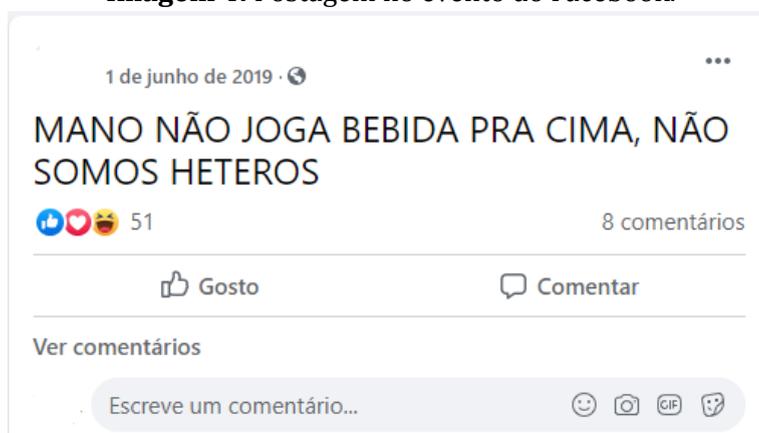
**Fonte:** Captura de tela obtida do evento no Facebook.

### **Imagem 3:** Postagem no evento do Facebook.



**Fonte:** Captura de tela obtida do evento no Facebook.

### **Imagem 4:** Postagem no evento do Facebook.



**Fonte:** Captura de tela obtida do evento no Facebook.

Na primeira imagem é possível ver que o incidente não incomodou a todo mundo da mesma maneira. A festa, inclusive, adentrou a lista de melhores festas da *IeS* já organizadas até hoje. Nas duas seguintes, por outro lado, é possível notar descontentamento. O interlocutor classifica o ato de jogar bebidas ao alto como *desperdício*, *coisa de adolescente*, remetendo significados que relacionam a falta de maturidade e consciência do desperdício de bebida que a ação acabava por promover. O segundo propõe conexões entre o ato de jogar bebida para cima com a orientação sexual



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

dos seus realizadores. Enunciações como essas, apreendidas pelos dados empíricos, demonstram relações específicas entre sexualidade, gênero, classe e, por vezes, raça, como será visto abaixo.

## **6. *Senão vai ter bafão, entende?***

Antônio, 21 anos, um amigo que conheci ainda nas primeiras festas universitárias que frequentei em São Carlos, respondeu-me que definia sua orientação sexual como *viadinho*. Quando o perguntei sobre sua identidade de gênero, disse-me: “*sexo, no caso? Masculino. Cor/raça? Negona!*”. Devido nossa relação de proximidade, a entrevista foi mais informal e proporcionou respostas mais irônicas e com uma análise acurada sobre o espaço. Ele costumava apenas frequentar como consumidor, mas começou a trabalhar nos bares das festas e constatou o seguinte com relação aos flertes e possibilidades no que se refere às relações afetivo-sexuais.

Então, olha. É uma coisa que eu sinto desde que eu vim no bar. É, eu acho que no rolê da IeS normal, por mais que tenha esse público LGBT e tal, eu sentia que não era muito meu negócio, sabe? Talvez eu não tinha tanta vez ali, com aquele tanto de viado e tal. Se é uma coisa de que é uma festa LGBT só que dá mais LGBT padrão... Sabe, esses negócio assim? Tipo, eu sentia que realmente na IeS eu não tinha muita chance não. Antes do bar, sabe. (...) Eu ficava até com medo. Eu não conseguia chegar em qualquer pessoa que eu queria não. Mas depois que eu fui pro bar, eu percebi que, querendo ou não, eu teria uma certa visibilidade ali (19 de abril de 2020).

Carmen Dora Guimarães (2004), em sua etnografia, já destacava que os empregados das boates em que realizou sua pesquisa exerciam outras atividades para além de servir bebidas. A partir de sua posição como trabalhador no bar, Antônio teve mais *visibilidade* e, conseqüentemente, mais possibilidades na efetivação de contatos afetivos.

Antônio acredita que as Festas IeS ainda são um pouco caras e tem um público mais seletivo dentro do espectro LGBT, “(...) *a questão da roupa, do setlist, já é mais voltado para esse público.*”. Relatou que desde que começou a trabalhar no bar, sentiu um



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

aumento considerável de flertes e ficadas. Rafaela tem vinte e quatro anos, *raça negra*, *travesti bixa*, como diria Linn da Quebrada<sup>17</sup>. Sempre frequentou escola pública e trabalhou em uma rede de *fast food* antes de entrar na universidade. Durante seu período como estudante universitária participou de diversos projetos de extensão universitária.

Tô pensando aqui como, assim, a primeira festa que eu fui assim, que era algo mais profundo... Foi bem, uma festa qualquer... Entende? É uma festa legal, porque eles chamam umas pessoas diferente, mas o público é uó, né? Um monte de viado branco chato, né. O que mais tem nessa cidade é viado branco chato e misógino. E, enfim né. Não é o tipo de festa que eu costume ir sempre. Eu gosto de ir mais... Por mais que não seja festas LGBT's, eu prefiro ir em festa que têm mais gente preta, sabe? Que tenha mais gente do povo. Gosto de um barzinho também, eu tenho uma coisa mais trasheira (20 de abril de 2020).

Quando perguntei a ela sobre sua relação com as Festas IeS, se já havia tido alguma experiência trabalhando nas festas, ela me disse:

Não! Jamais. Jamais eu vou servir viado branco. Assim, quando é em restaurante essas coisas faço porque a gente não tem opção né, mas em festa não. Eu trabalhei uma vez no tusca e fiquei horrorizada, horrorizada, por assédio e por ter que tar sóbria. É que viado é muito visceral, né? Eu trabalhei logo que eu cheguei aqui, um dos meus primeiros anos assim e eu precisava manter uma ética profissional né, então não podia rolar nada assim, então não gostei. E também porque eu acho que as pessoas, elas esperam que a gente teja em certos lugares sabe, fazendo certas funções, ainda mais quando é o corpo preto né? E as festas ies tem esse negócio né, eles chamam os viado pretinho lá pra trabalhar pra eles e dão a entrada. Eu não faço isso, jamais, entendeu? Eu prefiro ficar sem ir. Entendeu? Porque o meu trabalho não vale isso, sabe. Eles esperam que a gente se submeta a isso, a gente ficar servindo playboy chato, mal educado. Não. Eu tô lá como uma igual, como uma pessoa que tá fazendo igual, que vai consumir igual e que vai ser respeitada porque senão vai ter bafão, entende? E eu acho que quando cê estabelece de certa forma essa relação de... Quando alguém tá servindo, porque o Brasil é isso né. O Brasil é o lugar que cê tem quarto de empregada, então eles querem que teja pessoa servindo né, a todo momento e tal. E se estabelece uma relação de hierarquia, dentro de um lugar que, teoricamente, né, é pra gente esquecer, se misturar e se sentir como igual. Não, né. Em tudo isso, isso é com o cara que tá ali, mas tá servindo, isso é em relação ao cara que pagou, que tá servindo, em relação a bicha que é afeminada e a que não é. Tem essas coisas assim que eu não gosto. A mamãe não gosta (20 de abril de 2020).

---

<sup>17</sup> Atriz, cantora e travesti brasileira, conhecida pelo tom crítico e combativo adotado em suas letras e performances às violências contra pessoas trans.



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

Este trecho da entrevista é interessante por suscitar uma crítica às Festas IeS. Partindo de sua trajetória, representante da letra T de LGBT, Rafaela não se sente representada nos espaços, mesmo que os frequentando esporadicamente. Apesar de suas escolhas pessoais sobre trabalhar ou não nas festas, ela apresenta que é por meio do consumo que nos tornamos um “igual”. Dessa forma, corroborando que tanto a identidade LGBTQ+, quanto a ideia de juventude como estilos de vida passíveis de serem adquiridos através do consumo. Mas nem todos têm o mesmo acesso a este. A partir de entrevistas com pessoas que trabalharam nos bares, pude constatar que é um trabalho caracterizado como “tranquilo” para eles. Contudo, como os dados coletados também permitem auferir, a maioria do público parece ser composta pelo *viado branco*. Segundo seus valores, um espaço predominantemente branco com pessoas negras servindo bebidas remete às características históricas do Brasil, enquanto nação colonizada e marcada pela escravidão. O quarto da empregada, referência utilizada, representa as hierarquias relacionadas a raça e classe.

## **7. Considerações finais**

Após a apresentação dos dados coletados, através dos desenvolvimentos de uma incursão etnográfica a campo, acompanhamento dos eventos online e entrevistas com alguns interlocutores, é possível afirmar que os termos e categorias classificatórias são diversos e agenciados pelos interlocutores situacional e relacionalmente.

Assim, as formas de autodefinição dos interlocutores quanto à orientação sexual, identidade de gênero, posições de classe, possibilitadas pela realização de entrevistas, são diversas e se configuram como elementos de grande relevância em relação a cada trajetória específica, na percepção e experimentação social do espaço. Estes espaços de lazer e consumo, eles próprios caracterizados pela categoria classificatória do movimento político, por políticas sociais e sexuais inclusivas reproduzem uma determinada estética e estilo, não excluindo a reprodução de desigualdades e hierarquias no que se refere ao acesso a bens culturais.



## Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+

Na pesquisa, o intuito não foi o de essencializá-las, pelo contrário. Por isso, uma análise que leve em consideração as categorias classificatórias aqui discutidas permite visualizar uma distribuição dos interlocutores no espaço que evidencia a interação entre as categorias da diferença de gênero, classe, raça e juventude, embasando diferenciações e distinções.

### Referências

BRAGA, Gibran Teixeira. **'O fervo e a luta':** políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2018.

BUTLER, Judith. **Gender trouble:** feminism and the subversion of identity. Londres/Nova York, Routledge, 1990.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes antropológicos**, ano 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

FLOETER, Guilherme Saade. **"XUPA, CAASO!": Masculinidades e relações de gênero na Associação Atlética Acadêmica da UFSCar**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13<sup>a</sup> Ed. - Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais:** Curso no Collège de France. Tradução de Eduardo Brandão. 5<sup>a</sup> Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 227-255.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes:** o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, USP, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares:** Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.



**Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e juventude em festas universitárias LGBTQ+**

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

KURASHIGE, Keith Diego. **Desejos à margem**: fragmentos de memórias homossexuais em São Carlos. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2018.

MAY, T. **Pesquisa social**. Questões, métodos e processos. 2001. Porto Alegre, Artemed.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora Unicamp. 2010 [1995].

MISKOLCI, Richard. "Discreto e fora do meio": Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n. 44, 2015, p. 61-90.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador**: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Tradução de: Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. p. 7-42.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade". **Cadernos Pagu**, n. 21, 2003, p. 1-88.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**: Queer politics and social theory. Social Text Collective. Publisher: Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

Texto recebido em 21/12/2020 e aprovado em 04/08/2021

DOI: 10.46269/10221.656